

# (Re)pensando a tradição e as transformações do cinema documentário

Juliano José de Araújo

**PENAFRIA, Manuela (2011).**

*Tradição e reflexões:  
contributos para a teoria  
e estética do documentário.*  
Covilhã: LabCom. 358 p.



**Resumo:** O livro *Tradição e reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário* discute por meio de 16 artigos, propostas clássicas e reflexões contemporâneas sobre o cinema documentário, que vão desde a tradição griersoniana até as transformações decorrentes das novas tecnologias da comunicação.

**Palavras-chave:** documentário; teoria; estética

**Abstract:** **(Re)thinking tradition and transformations on documentary filmmaking.** The book *Tradição e reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário* (whose title in English means Tradition and reflections: contributions to the documentary's theory and aesthetics) discusses, through sixteen articles, classic proposals and contemporary reflections on documentary filmmaking, which range from the griersonian tradition to the changes arising from the new Communication technologies.

**Keywords:** documentary; theory; aesthetics

A história do cinema documentário pode ser pensada a partir de quatro principais estilos: documentário clássico ou griersoniano, documentário moderno (compreendendo os cinemas direto e verdade), documentário pós-moderno e documentário cabo (RAMOS, 2008). Cada uma dessas tendências de realização cinematográfica permite-nos estudar o documentário a partir das relações entre tradição e transformação no campo do audiovisual de não-ficção.

É neste contexto que se insere o livro *Tradição e reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário*. Organizado por Manuela Penafria, da Universidade da Beira Interior e lançado em edição bilíngue, em espanhol e português, pela Labcom, a obra foi editada no âmbito do projeto “Teoria e Estética do Documentário”<sup>1</sup> e reúne, em três partes, 16 artigos de pesquisadores brasileiros, espanhóis e portugueses, além de trazer artigos clássicos de John Grierson, fundador do pensamento sobre o documentário, e de Brian Winston, autor que revisitou e criticou a tradição griersoniana.

A primeira parte do livro, intitulada “Tradição”, traz dois artigos de John Grierson traduzidos para o português e espanhol. Grierson é figura central na história do cinema documentário, além de ser considerado o “idealizador e principal organizador do movimento do filme documentário, que se desenvolveu na Inglaterra a partir de 1927” (DA-RIN, 2006, p. 55). Em “Princípios iniciais do documentário”, o autor pensa o audiovisual de não-ficção e sua forma narrativa com o objetivo de diferenciá-lo dos filmes de atualidades (os telejornais da época), científicos e educativos, considerando o documentário a partir dos “arranjos, rearranjos e formas criativas” do material captado no mundo natural. Destacam-se, neste artigo, os primeiros princípios desse gênero, notadamente, sua capacidade de trabalhar com o “ator original (ou nativo) e a cena original (ou nativa)”. Em “A poética de *Moana*, de Flaherty”, texto no qual se considera que pela primeira vez aparece o termo documentário em língua inglesa, Grierson, grande admirador do trabalho de Flaherty e de seus métodos de realização cinematográfica, faz uma análise do filme *Moana* (1926).

Em “Problematização e propostas”, segunda parte da obra, três artigos de Brian Winston são apresentados ao leitor, publicados originalmente em língua inglesa, e agora traduzidos para português e espanhol. No primeiro, “Documentário: penso que estamos em apuros”, o autor discute a noção de realidade na história do audiovisual de não-ficção e destaca que é preciso considerar o documentário como um “artefato construído”. O segundo texto de Winston que integra o livro, “A tradição da vítima no documentário griersoniano”, traz uma análise de como os documentários, com seu “impulso para a melhoria social”, construíram a representação da classe popular, apresentando-os como “personagens pobres, sofredoras”, enfim, “vítimas”, sejam da “sociedade” ou “dos meios de comunicação”. Em “Para um documentário pós-griersoniano”, terceiro e último texto da segunda parte, Brian Winston realiza uma forte crítica aos padrões de “objetividade”

---

1 - Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal.

do documentário griersoniano e defende um documentário mais “subjetivo”, que abandone “o tom limitado e sempre sério”, além de chamar a atenção para a questão ética, notadamente na relação entre realizador e personagens do documentário.

A terceira parte do livro, denominada “Propostas e interrogações”, apresenta um conjunto de textos de diferentes abordagens teóricas que, sem perder de vista a tradição do documentário, se propõe a refletir sobre as transformações do gênero, pensando-o na contemporaneidade. Em “Prolegômenos para um entendimento da descrição etnocinematográfica”, Marcius Freire desenvolve uma reflexão sobre o filme antropológico no contexto das novas tecnologias da comunicação tendo em vista os caminhos abertos pela antropologia fílmica.

“A encenação documentária”, de Fernão Ramos, dedica-se a pensar o papel da encenação na tradição documentária, na medida em que a mesma, ao contrário do que muitos pensam, é “um procedimento antigo e corriqueiro em tomadas de filmes documentários”. O autor propõe uma tipologia da encenação (encenação-construída, encenação-locação e encenação-direta) muito produtiva para as análises de documentários. Luis Nogueira, em “Uma hermenêutica humilde: algumas teses sobre o *making-of*” propõe uma interessante leitura do *making-of* como um subgênero do documentário. “O cinema direto no período revolucionário português”, de Leonor Areal, analisa a intensa produção de documentários em Portugal no período após a Revolução dos Cravos, em 1974, e que representou a chegada do cinema direto no país, constituindo-se em uma época de experimentação da linguagem para os cineastas portugueses.

O artigo “Quando o cinema faz acontecer: o caso *Torre Bela*”, de José Filipe Costa, é dedicado à análise das práticas e metodologias de realização do documentário *Torre Bela* (1977), do realizador alemão Thomas Harlan, que mostra a ocupação de uma grande propriedade rural em Portugal cuja equipe de filmagem participa do acontecimento filmado. Paulo Miguel Martins, em “Os documentários industriais e o impacto na cinematografia e na atividade empresarial”, volta-se para o estudo dos documentários feitos com financiamento da indústria portuguesa no período de 1930 a 1980, ação fundamental para o desenvolvimento e evolução no cinema em Portugal.

Em “Operários da Volkswagen e acidentes de trabalho: dois filmes, dois universos, duas abordagens do cotidiano dos operários metalúrgicos”, Marcos Corrêa estuda os documentários *Operários da VW* (1974), de Jorge Bodanzky, e *Acidentes de trabalho* (1977), de Renato Tapajós, pensados no contexto da construção da identidade dos metalúrgicos. Álvaro Matud Juristo, em “El primer documental vanguardista de NO-DO”, analisa a produção documentação de vanguarda realizada no âmbito do *Noticiero Documental*, instituição do governo franquista na Espanha. O artigo “Documentário animado: tecnologia e experimentação”, de Índia Mara Martins, dedica-se a pensar a experimentação da tecnologia na história do cinema documentário, desde o primeiro cinema, passando pelas vanguardas da década de 1920, o documentarismo britânico de 1930, os cinemas direto e verdade, até chegar aos anos 1990 e as imagens de síntese.

“Deshilando el guión de *Balseros*. La construcción narrativa en el cine documental”, de Aida Vallejo, apresenta uma análise das construções narrativas do documentário *Balseros* (2002), de Carlos Bosch e Josep Maria Domenech, a partir dos estudos narratológicos (tempo, espaço, enunciação e ponto de vista). Por fim, o artigo “Teoria realista e documentário”, de Manuela Penafria, encerra o livro discutindo o cinema documentário em relação às teorias realistas de André Bazin e Siegfried Kracauer.

Manuela Penafria foi muito feliz na escolha dos textos que integram o livro *Tradição e reflexões*. Textos fundadores do pensamento da tradição documentária, seguidos de uma revisão crítica e complementados por uma série de abordagens contemporâneas de pesquisadores do Brasil, Espanha e Portugal, que revelam um intercâmbio frutífero e de grande importância para o desenvolvimento e consolidação da pesquisa sobre o audiovisual de não-ficção. É importante destacar que, além de ser comprado, o livro está disponível, gratuitamente, para download no site da LabCom no endereço <http://www.livroslabcom.ubi.pt/index.php>.

## Referências

DA-RIN, S. (2008). *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue.

PENAFRIA, M. (Org.) (2011). *Tradição e reflexões: contributos para a teoria e estética do documentário*. Covilhã: LabCom Books. 358 p. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110909-tradicao\\_reflexoes.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110909-tradicao_reflexoes.pdf)> Acesso em: 28 out.

RAMOS, F. P. (2008). *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac.

Juliano José de Araújo é doutorando em Múltiplos Meios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde graduou-se em Comunicação Social. É professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (Unir).

[araujojuliano@gmail.com](mailto:araujojuliano@gmail.com)